



PENTECOSTALISMO E PÓS-PENTECOSTALISMO¹

PENTECOST AND POST-PENTECOST

Francisco Jean Carlos da Silva²

RESUMO

A trajetória do movimento pentecostal assume novas configurações no atual quadro da religiosidade brasileira. Possivelmente o pentecostalismo surgiu com a ocorrência do “falar em línguas”, em Topeka, na virada do século ou em Los Angeles, em 1906. A cura divina, batismo do Espírito Santo, doutrina do pré-milenismo e a chama do “falar em línguas” constituíram as principais marcas deste movimento, sendo a última uma marca distintiva para promoção ardente de suas doutrinas. Este ensaio tenta compreender a tipologia do pentecostalismo fundamentado na idéia de que esse movimento configura três momentos: o pentecostalismo clássico; deuterpentecostalismo, e o pós-pentecostalismo.

Palavras-chave: Pentecostalismo, religiosidade e doutrina

1 INTRODUÇÃO

O propósito deste ensaio é o de compreendermos, de modo lacônico, a trajetória do movimento pentecostal no Brasil, tentando refletir sobre as novas configurações que o atual quadro de parte da religiosidade brasileira apresenta.

Possivelmente o pentecostalismo surgiu com a ocorrência do “falar em línguas”, em Topeka, na virada do século ou em Los Angeles em 1906. A cura divina, batismo do Espírito Santo, doutrina do pré-milenismo e a chama do “falar

¹ Artigo elaborado como avaliação da disciplina “Religião e Religiosidade” ministrada pelo Professor Dr. Orivaldo Pimentel Lopes Júnior, do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, semestre 2007.1.

² Pedagogo e Mestre em Ciências Sociais.

em línguas” constituíram as principais marcas deste movimento, sendo a última uma marca distintiva para promoção ardente de suas doutrinas.

Para autores como Siepiersky,

aqueles que aceitam Topeka como o momento fundante do moderno movimento pentecostal apontam Charles Fox Parham como seu fundador. Foi ele quem pela primeira vez elaborou uma definição teológica do pentecostalismo que sublinhava o vínculo entre “Falar em Línguas” e o batismo do Espírito Santo. “Falar em Línguas” seria a evidência inicial do batismo do Espírito Santo (SIEPIERSKY, p. 2, 1997, grifos do autor).

O pentecostalismo se instalou oficialmente no Brasil através das Igrejas: Congregação Cristã do Brasil e Assembléia de Deus. A primeira se instalou em solo brasileiro, em 1910, no bairro paulistano do Brás. A segunda em 1911, em Belém, no Pará. Essas igrejas foram trazidas dos Estados Unidos da América pelo italiano Luís Francescon e os suecos Daniel Berg e Gunnar Vingren que aqui firmaram suas doutrinas. Mas, como vem ocorrendo esse movimento religioso no Brasil?

2 PENTECOSTALISMO E PÓS-PENTECOSTALISMO

O crescimento do pentecostalismo em vários lugares do Brasil evidenciou que esse movimento apresenta claras distinções de ordem doutrinária. Contudo, parece que, de modo genérico, o núcleo duro³ do pentecostalismo fundante permaneceu sem sofrer grandes alterações até o final dos anos 50 e início dos 60, do século XX, quando surge no cenário uma segunda onda⁴, constituindo um movimento de renovação carismática. Depois, uma terceira onda iniciada nos anos 1980, que é conhecida como a corrente de renovação da igreja.

Segundo Mariano, “com base na discussão das tipologias recentes, a classificação do pentecostalismo tem três vertentes: **pentecostalismo clássico**,

³ Sobre nosso entendimento de núcleo duro, ver livro: SILVA, Francisco Jean Carlos. **Batistas Regulares**: uma abordagem histórico-sociológica. Natal: EDUFRN, 2006, p. 74.

⁴ Metáfora marinha para classificar distintos movimentos de renovação de linha pentecostal (MARIANO, 1999, p. 28).

deuteropentecostalismo e neopentecostalismo” (MARIANO, 1999, p. 23, grifos do autor).

O pentecostalismo clássico é um termo adotado para transmitir a idéia de antigüidade ou pioneirismo histórico desse movimento. Assim, a Congregação Cristã no Brasil e Assembléia de Deus podem receber essa nomenclatura. As práticas do pentecostalismo clássico caracterizam-se por enfatizar o “dom de línguas,” a crença na volta iminente de Cristo, a salvação paradisíaca e pelo comportamento de radical sectarismo e asceticismo de rejeição do mundo exterior. Além disso, seus adeptos eram de classes menos favorecidas, rejeitados pelos protestantes históricos e perseguidos pela Igreja Católica.

Para Mariano:

Hoje, seu perfil social mudou parcialmente. Embora continuem a abrigar sobretudo as camadas pobres e pouco escolarizadas, também contam com setores de classe média, profissionais liberais e empresários. Não obstante suas quase nove décadas de existência, ambas ainda mantêm bem vivos a postura sectária e o ideário ascético (MARIANO, 1999, p. 29).

O deuteropentecostalismo é a segunda fase do pentecostalismo brasileiro, iniciada no final dos anos 50 e início dos 60, do século passado, caracterizando-se pela inclusão de igrejas carismáticas independentes que aceitam os dons do Espírito Santo como válidos para os dias atuais, porém, são igrejas que permanecem em suas denominações, como: Igreja Quadrangular (1951), Brasil para Cristo (1955) e Deus é Amor (1962).

Sob a influência dos missionários e ex-atores de filmes de faroeste do cinema americano, Harold Williams e Raymond Boatright a segunda onda ganhou uma ênfase diferenciada do pentecostalismo clássico, agora, a bola de vez teológica era o dom de “cura divina,” prática que teve proporções continentais, provocando uma explosão numérica pentecostal em diversas partes do mundo. Apesar de a primeira onda enfatizar o dom de línguas e a segunda, a de cura, “o núcleo doutrinário permanece inalterado em qualquer das ramificações pentecostais” (SOUZA, 1969, p. 103 apud MARIANO, 1999, p. 31).

O neopentecostalismo ou pós-pentecostalismo é um termo adotado para distinguir a nova roupagem que o pentecostalismo brasileiro vem desenvolvendo

desde a segunda metade dos anos 1970, que cresceu e se fortaleceu nos anos 1980 e 90. A Igreja Nova Vida, fundada em 1960, no Rio de Janeiro, pelo missionário canadense Robert McAlister, foi o palco inicial que fez nascer as maiores representatividades desse movimento, através das igrejas: Universal do Reino de Edir Macedo (1977), Internacional da Graça de Deus (1980), Cristo Vive (1986), Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra (1976), Comunidade da Graça (1979), Renascer em Cristo (1986) e Igreja Nacional do Senhor Jesus Cristo (1994).

São vários os pesquisadores que empregam o termo neopentecostalismo⁵ para se referirem a esse novo momento do pentecostalismo brasileiro. Também alguns nomes têm sido sugeridos, como: pentecostais, pentecostalismo autônomo, cura divina, pequenas seitas, neopentecostalismo e pós-pentecostalismo. O termo neopentecostalismo, adotado pelo sociólogo Ricardo Mariano, recebe crítica de Paulo Siepieri por entender que o prefixo *neo* implica em continuidade e não ruptura. Contudo, defende-se Mariano, afirmando que “o prefixo *neo* é adequado justamente por implicar continuidade e, ao mesmo tempo, novidade e mudança” (MARIANO, 1999, p. 36). Ou seja, para Mariano, o prefixo pós é inviável porque implicaria numa ruptura radical que criaria uma nova religião.

Se a diferença do pentecostalismo clássico para o deuteropentecostalismo consiste apenas na questão da ênfase em “falar em línguas e na cura divina”, observemos que o próprio Mariano reconhece que não existe diferença teológica significativa entre as duas primeiras ondas. Já no caso do chamado neopentecostalismo, parece indicar algumas diferenças acentuadas que possivelmente apontam para uma ruptura radical com o sistema doutrinário do pentecostalismo em sua primeira e segunda onda. Passemos agora a argumentar sobre os fundamentos que substanciam a idéia da utilização do termo pós-pentecostalismo.

O distanciamento substancial do pentecostalismo aconteceu devido à ênfase do pós-pentecostalismo pautar-se na guerra espiritual contra o diabo e seus demônios, a teologia da prosperidade que tem ligação direta com a teologia

⁵ Ver (MARIANO, 1999, p. 33)

do pós-milenismo, antagônico da doutrina milenarista dos pentecostais e a eliminação dos sinais externos de santidade. A trilogia diabo, prosperidade-cura e anti-asceticismo sinalizam um novo paradigma na estrutura do pentecostalismo de terceira onda, uma ruptura que Mariano destaca em três aspectos fundamentais, quais sejam:

1) exacerbação da guerra espiritual contra o Diabo e seu séquito de anjos decaídos; 2) pregação enfática da teologia da Prosperidade; 3) liberalização dos estereotipados usos e costumes de santidade. Uma quarta característica importante, ressaltada por Oro (1992), é o fato de elas se estruturarem empresarialmente (MARIANO, 1999, p. 36).

Além disso, permitam-me fazer uma analogia: quando acontece a transição de uma Era para outra, temos uma ruptura do modelo velho pelo novo, e quando passamos da Idade Média para a Idade Moderna e da Moderna para a Pós-Moderna. Observem que em todas aconteceu a mudança e não uma continuidade, apesar de alguns elementos da Era Passada ainda permanecerem na Nova, porém, as relações sociais estão estruturadas sob outro modelo. Assim, é o caso do pentecostalismo para o pós-pentecostalismo, ocorrem mudanças, mas algo do antigo permanece no novo.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos observar, portanto, que a perspectiva teológica do pós-pentecostalismo busca o rompimento com a santidade, ou seja, a separação dos prazeres mundanos e promove uma postura em busca da riqueza, *status* social e dos prazeres deste mundo. Defendem um evangelho triunfalista focalizado na defesa de que o crente está destinado a ser próspero, saudável e feliz neste mundo; logo, a mensagem é de preocupação com esta vida e com este mundo.

É um movimento formado por igrejas autóctones, e de fortes lideranças. São marcadas pelo televangelismo. São avessas ao ecumenismo e travam uma intensa batalha contra as religiões afro e o catolicismo. São evidenciadas também pela forte organização empresarial e adotam técnicas de marketing para atingir um

público maior e assim difundir sua mensagem através de veículos de comunicação de massa como a televisão e o rádio (CAMPOS, 1999 *apud* ALVES, 2005, p. 80).

Tudo parece indicar que a crise das religiões que expressam o pensamento religioso da modernidade fez do movimento pós-pentecostal uma opção por uma religião em que as emoções e os encantamentos fazem parte do *menu* que preenche e sacia os anseios da lacuna moderna. “A sociedade que entra no século XXI não é menos moderna que a que entrou no século XX, o máximo que se pode dizer é que ela é moderna de um modo diferente” (BAUMAN, 2001, p. 36).

REFERÊNCIAS

ALVES, Patrícia Formiga Maciel. **Da Cruz ao Trono**: Neopentecostalismo e Pós-Modernidade no Brasil. (Tese de doutorado em Ciências Sociais) Universidade Federal da Paraíba: João Pessoa, 2005.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais**: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

SILVA, Francisco Jean Carlos da. **Batistas Regulares**: uma abordagem histórico-sociológica. Natal: EDUFRN, 2006.

ORO, Pedro Ari; CORTEN, André e DOZON, Jean Pierre. **Igreja Universal do reino de Deus**: os novos conquistadores da fé. São Paulo: Paulinas, 2003.

ROLIM, Francisco Cartaxo. **Pentecostalismo**: Brasil e América Latina. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

SIEPIERSKI, Paulo D. **Pós-pentecostalismo e política no Brasil**. In: Estudos Teológicos, ano 37, nº 1, (IECLB), 1997, p. 47-61.